

Pequena apostila do Pós-Moderno de Erick Felinto (um resumo em dez minutos em estilo “pós-moderno”)

1. Nós não costumamos pensar, de forma crítica, teórica ou “antropológica”, sobre o presente e sobre nosso próprio ambiente. Nossa tendência é NATURALIZAR as coisas à nossa volta. Em primeiro lugar, ser pós-moderno é viver em um mundo onde tudo se transforma rapidamente, onde, como dizia Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”. Esse é um mundo de grande instabilidade, onde a tecnologia tem um papel fundamental – especialmente as tecnologias da comunicação, mas onde, por outro lado, a ciência (assim como a religião) perdeu muito do prestígio que costumava ter.
2. Uma das coisas mais peculiares da vida no pós-moderno é a nossa perda de referenciais históricos. Pense bem: quanto de informação histórica você possui efetivamente? O que você sabe sobre a queda do Império Romano, a cultura bizantina, ou mesmo – para ficarmos no mais concreto – sobre a história do Brasil Império? Melhor ainda: o que você sabe sobre o que está acontecendo no mundo hoje, e o que aconteceu no mês passado? E a guerra dos Bálcãs, alguém se lembra dela? Qual foi o motivo mesmo, hein? Há muitas razões para essa perda de historicidade na cultura pós-moderna. O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação nos permitiu acesso a uma quantidade de informação nunca antes imaginada. Contudo, essa informação precisa ser mastigada, fragmentada, descontextualizada e temporária. O que aconteceu no mês passado (na semana passada) já não é mais notícia hoje, pois o circuito da mídia e do consumo não pode cessar nunca. Walter Benjamin diz que perdemos a capacidade de narrar histórias, como nas boas e velhas culturas tradicionais, onde os anciãos – nossos avós, por exemplo – tinham o costume de nos ninar com boas narrativas de antanho... Isso por que vivemos num mundo onde estamos expostos a um CHOQUE constante de informação, onde tudo é rápido e passageiro. Hegel e Marx, dois grandes pensadores, previram o FIM DA HISTÓRIA, quando já não haveria nada mais para ser contado, nada mais para acontecer. A realização da consciência absoluta (Hegel), o término da luta de classes (Marx) são visões desse fim da história que parece concretizar-se no pós-moderno. Sem conflito de ideologias, sem diferença, em um mundo globalizado, deixa de existir história. E aí vem um nipo-americano, cientista político, Francis Fukuyama, que diz que a profecia de Hegel se cumpriu com a queda do muro de Berlim. “Nada existe de novo sob o sol”... Isso já dizia Salomão nos seus cânticos há milênios atrás. E o pós-moderno é exatamente isso. Pode até nos dar a ilusão de novidade, como o fazem os produtos da Indústria cultural. Mas as histórias que ouvimos são sempre as mesmas, sempre e sempre. Vivemos em um presente absoluto, sem futuro, pois sequer acreditamos piamente na idéia de progresso, grande sonho da modernidade. Hoje, nosso pesadelo são os apocalipses – as visões e mitos do fim da história. O fim do milênio, o “bug” do milênio, as profecias de Nostradamus...sim, esses são grandes mitos que floresceram mais que nunca em nossa época. Que o digam os seriados X-Files e Millenium! Se antes, em um mundo estável, o futuro era algo que podia ser projetado – vou ter uma profissão tal, uma família tal... – hoje, só nos restam incertezas: a crise econômica, a crise energética, a violência dos grandes centros urbanos, o desemprego...

3. Sei que tudo isso parece sombrio, mas é umas das faces mais evidentes da cultura pós-moderna. E vejam só como é interessante a gente identificar as feições desse pessimismo, desse Nihilismo nos produtos da cultura, nos livros, nos filmes... pensem em um filme como “Clube de Luta”. Qual é a mensagem desse filme? Nós perdemos nossa noção de sentido, as coisas não têm mais sentido, não há mais Deus ou Razão (e ciência) que possam nos dar alguma segurança; não desfrutamos mais das seguranças absolutas do passado e não há mais normas morais ou lógicas que possam nos guiar. Estamos como o personagem bobalhão cuja vida se resume nas coisas que ele pode comprar para sua casa (pelos catálogos da Ikea, uma grande rede de móveis “de massa” americana). Quando sua casa explode em um acidente, sua vida deixa de ter qualquer sentido... e que dizer do discurso do personagem Tyler? “Nossos pais nos abandonaram”... Não apenas os pais biológicos, mas os pais simbólicos: a religião, Deus, as explicações racionais e científicas, o *logos*. Então é preciso encontrar um novo sentido, e a violência gratuita e primitiva do “clube de luta” é essa resposta.
4. Para simplificar esse percurso, podemos pensar a história do Ocidente em três grandes momentos:

Pré-Moderno (Antigüidade, Idade Média)	Modernidade (para alguns, a partir do Renascimento, para outros, do Iluminismo)	Pós-Moderno (desde os anos 50...)
O passado como modelo	O futuro como ideal (progresso)	Um presente absoluto, feito de fragmentos de vários passados e utopias de futuros fracassados
Fé e Religiosidade como fundamentos da vida	Razão e Ciência como fundamentos da vida	Ausência de fundamentos – ausência das “metanarrativas” (Jean François Lyotard)
Ausência da noção de Individualidade	O Indivíduo burguês no controle de seu destino	Individualidades mutáveis, flexíveis (híbridas...pense em uma figura como Michael Jackson)

5. Em termos estéticos, o pós-moderno é uma época muito curiosa. Se é verdade que “todas as histórias já foram contadas”, como diz Umberto Eco, então só resta repetir as mesmas histórias do passado. Só que agora elas já não são mais encaradas seriamente, já não são “metanarrativas”, mas fragmentos de várias histórias recontadas parodicamente. A paródia é um estilo tipicamente pós-moderno. Na literatura, praticamente só se escrevem romances policiais; só para ficarmos no Brasil: Rubem Fonseca, Jô Soares, Toni Belloto, Patrícia Mello... Já pararam para pensar por que o romance policial é o gênero por excelência da nossa cultura? 1) é o gênero mais “desgastado”, repetido e massificado da história da literatura; 2) consiste basicamente na procura e identificação de um “culpado”, na determinação de uma identidade... Mas o que falta precisamente à cultura pós-moderna são identidades precisas. Daí o fracasso freqüente dos detetives nas novelas policiais

pós-modernas. Como o que acontece com Guilherme de Baskerville (paródia de Sherlock Holmes) no final da estória: “acreditei num simulacro de ordem quando deveria ter percebido que não existe ordem alguma...”. Sim, não existe mais ordem, como havia no mundo medieval. Hoje o que enfrentamos é a imprevisibilidade, o incerto. E esses temas fazem até mesmo parte da ciência contemporânea: a teoria do “caos”, o princípio da “incerteza” da física quântica, etc...

6. Na estética pós-moderna, nos seus filmes mais conscientes, nos seus livros, nas suas obras de arte, nas suas músicas, podemos identificar as feições dessa época: 1. repetição (a estética dos estereótipos dos MCM), 2. simulação (não sabemos mais como diferenciar o real do virtual, do imaginário – como, aliás, voltando ao exemplo anterior, acontece com o personagem do filme “Clube de Luta”, e aconteceu com o maluco que saiu atirando nas pessoas em um cinema de São Paulo), 3. incerteza e indeterminação (a poética das obras “abertas”, que podem ser modificadas ou construídas pelo público), 4. paródia (se não há mais sentidos fundamentais, então o que nos resta é rir), 5. jogo e ludismo (sem seriedade, tudo passa a ser jogo e brincadeira), 6. hibridismo (mescla de gêneros, de estórias, de estilos em uma mesma “obra”), 7. fragmentação (perda da sensação de unidade, ordem e coerência), etc....
7. Alguns autores comparam a estética da cultura pós-moderna à estética do BARROCO. Nossa complexidade, nosso gosto pelo caótico, nossa obsessão pela repetição dos mesmos temas, nossa afeição pelo exótico, pelo grotesco, nos aproxima dos barrocos. Barroco é sinônimo de complexo, deformado, obscuro...
8. O pós-moderno é a época onde domina um RELATIVISMO total, já que não existe mais a noção de verdade absoluta. Não se trata apenas de um relativismo antropológico, do respeito às diferenças culturais; trata-se de um relativismo que também é moral (que códigos de conduta podem nos dizer o que é certo e errado num mundo sem fundamentos?) e epistemológico (científico: nossa ciência não apenas admite a incerteza e a indeterminação, mas as acolhem com prazer...quem já não ouviu falar na “teoria da relatividade” de Einstein?).
9. No começo dessa apostila fiz algumas perguntas, e agora ofereço algumas respostas possíveis... Por que aprender sobre o pós-moderno, por que é importante ter essa visão sobre a cultura em que vivemos? Porque quem estuda comunicação lida com IMAGENS, com SÍMBOLOS, com SIGNOS, com a produção de discursos que circulam pela sociedade. E para saber manipular esses signos, para saber como atingir seu público e cativar sua cultura, o comunicólogo precisa entender o mundo que o cerca de uma perspectiva ampla. Em outro nível, porém, esses conhecimentos, assim como qualquer outra forma de conhecimento, “não servem para nada”. Isso porque vivemos numa cultura extremamente materialista, onde o saber técnico é valorizado em detrimento do saber teórico, onde valores humanistas deixaram de servir como orientação e símbolos de status. Quantas pessoas hoje podem dizer que lêem alta literatura, que entendem uma obra de arte, que são capazes de compreender a estrutura de uma sinfonia? Esse é o mundo do conhecimento massificado, e nossa bagagem cultural é feita eminentemente das informações e imagens oferecidas pelos media. Daí porque Xuxa e Paulo Coelho fazem parte do “conhecimento comum”, mas nomes como Guimarães Rosa e Tarsila Amaral significam muito pouco. Mas curiosa e paradoxalmente, os profissionais mais valorizados no mercado não são os que dominam as técnicas,

mas sim os que podem pensar sobre elas, os que possuem informação e sabem digerir essa informação. E afinal de contas, o que é o pós-moderno? Bom, se eu soubesse mesmo não estaria tão preocupado com ele...